

Abordagens metodológicas em pesquisa sobre Redes de Turismo.

Alberto José Mate, Débora Goes Urano y Ana Catarina Alves Coutinho.

Cita:

Alberto José Mate, Débora Goes Urano y Ana Catarina Alves Coutinho (2019). *Abordagens metodológicas em pesquisa sobre Redes de Turismo*. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/1629>



Abordagens metodológicas em pesquisa sobre Redes de Turismo

Alberto José Mate
Débora Goes Urano
Ana Catarina Alves Coutinho

Resumo

O aprofundamento das questões metodológicas nas pesquisas contribui com um maior rigor científico, o qual é essencial para um maior reconhecimento de um determinado campo de estudo, amadurecimento da teorização e disseminação de conhecimento. Neste sentido, este artigo tem como objetivo central analisar as principais abordagens metodológicas nas pesquisas sobre redes de turismo. A perspectiva de redes vem sendo utilizada com êxito em diferentes áreas de estudo para explicar e compreender estruturas complexas. No turismo, esta tem se apresentado como uma perspectiva por diversos autores nas últimas décadas. No entanto, a literatura diverge, quando não se contradiz, nas recomendações acerca da abordagem metodológica a ser utilizada no desenvolvimento das pesquisas empíricas. Assim, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que adaptou o processo metodológico Pro-Know-C para a coleta de dados, utilizando a base de dados de revistas científicas nacionais e internacionais classificadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes - no estrato de Administração, Ciências Contábeis e Turismo como A1, A2 e B1, sendo analisados artigos científicos publicados entre os anos de 2008 e 2018. A análise foi realizada por meio da triangulação das técnicas de análise de conteúdo, de correspondência e de correlação, conjugando as abordagens qualitativa e quantitativa para melhor compreensão do fenômeno estudado. A pesquisa foi orientada com base no método da complexidade. Os principais resultados revelaram que muitos pesquisadores não explicitam o método científico e não existe uma relação de pré-determinação entre o método e as estratégias de pesquisa. Também, foi observado que não há uma linearidade sobre as opções metodológicas, nem tendências nas publicações sobre a temática. A pesquisa ainda identifica as principais bases de publicação de artigos e os principais autores que retratam a temática sobre redes de turismo. Entende-se, pois, que independentemente do método científico a ser adotado, o uso da triangulação de diversas técnicas de recolha e análise de dados pode ajudar a captar a complexidade das redes de turismo. Limitações, sugestões e encaminhamentos também foram apresentados no trabalho.

Palavras-chave: Abordagens metodológicas; Redes Sociais; Turismo; Pesquisa em Turismo.



Introdução

As pesquisas científicas valem-se de regras e processos que delimitam, espaço-temporalmente, o objeto de estudo, sejam elas relacionadas às ciências sociais e humanas ou às naturais e exatas. O delineamento da pesquisa requer conhecimento sobre qual a melhor forma de descobrir, por meios científicos, a resposta da problemática estabelecida. Esse caminho pode ser pré-definido por diversos fatores: interesse e habilidade do pesquisador, tempo e recursos disponíveis, enquadramento do método ao objeto de pesquisa e seus pressupostos epistemológicos, opções metodológicas e sua capacidade para fornecer respostas para questões significativas, visando o progresso científico e humano (Ferrari, 1982).

Entende-se que o aprofundamento das abordagens metodológicas nas pesquisas em turismo contribui para alcançar o rigor e reconhecimento no campo de pesquisa (Tribe, 1997), para além de que permitem superar as críticas que se fazem à deficitária teorização do turismo e disseminação do conhecimento produzido neste campo (Tribe, 1997; 2010; Panosso Netto & Nechar, 2014).

Com base no exposto, este artigo tem como objetivo central analisar as principais abordagens metodológicas nas pesquisas em redes de turismo. A prossecução deste objetivo conduziu à identificação das principais bases de publicação de artigos e os principais autores que retratam a temática sobre redes de turismo.

A perspectiva de redes vem sendo utilizada com êxito em diferentes áreas de estudo para explicar e compreender estruturas complexas sejam estas biológicas, territoriais ou sociais. No campo das ciências sociais, ela foi inicialmente utilizada como uma metáfora para explicar complexas estruturas sociais, evoluindo para uma metodologia de análise com o desenvolvimento de abordagens quantitativas relacionadas a teorias matemáticas e de gráficos (Scott, 2002; Scott, Baggio & Cooper, 2008a).

Dentro deste contexto, o interesse em estudar o turismo na perspectiva de redes vem crescendo nas últimas décadas (Rodríguez, 2015, Van der Zee & Vanneste, 2015), sendo aplicado de diferentes formas: teórica e metodologicamente. Tanto técnicas qualitativas quanto quantitativas (ressaltando a Análise de Redes Sociais - ARS) vêm sendo utilizadas para analisar o turismo na perspectiva de redes (Scott, Cooper & Baggio, 2008a; Rodríguez, 2015).

A literatura diverge, quando não se contradiz, nas recomendações acerca da abordagem metodológica a ser utilizada no desenvolvimento dessas pesquisas empíricas. Para Scott, Cooper & Baggio (2008a), não se trata, no entanto, de qual a



melhor abordagem, mas qual a mais adequada e a que melhor se aplica a determinada pesquisa, defendendo, até mesmo, a criação por parte do pesquisador da sua própria metodologia por meio da simbiose das duas abordagens e suas diferentes técnicas. A associação dessas duas abordagens pode possibilitar um entendimento mais aprofundado quando se trata do fenômeno do turismo, o que justifica este estudo sobre as abordagens metodológicas nas pesquisas em redes de turismo.

Com base no exposto o artigo está estruturado em cinco tópicos principais além desta introdução. Primeiramente, faz-se uma abordagem conceitual das principais metodologias de pesquisa, com enfoque nos métodos, tipos, técnicas de coleta e análise de dados que preconiza a literatura. O tópico seguinte faz uma breve contextualização teórica sobre as redes de turismo. Em seguida, apresentam-se os aspectos metodológicos utilizados para esta pesquisa empírica. Posteriormente, faz-se a apresentação e análise dos resultados para, finalmente, tecer-se breves considerações finais com apontamentos sobre limitações do estudo e sugestões para pesquisas futuras.

Abordagens sobre metodologias de pesquisa

A produção do conhecimento no turismo insere-se numa longa tradição científica que hoje é possível encontrá-la fragmentada em diversas disciplinas. Entretanto, as orientações que presidem a este grande campo que se designa epistemologia, ou seja, o “estudo dos métodos de conhecimentos que são praticados na ciência” (Larousse, 1995, p. 78) tem a sua matriz nos pressupostos filosóficos que, ao longo do tempo, influenciaram a forma como se concebeu a produção do saber. Deste modo, para compreender o método é preciso compreender as bases epistemológicas em que ele se fundamenta.

A cientificidade de uma pesquisa não depende apenas da diversidade das suas técnicas, mas sim do método em que assentam os seus procedimentos. Assim, entende-se como método científico, “um conjunto de procedimentos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos” (Severino, 2016, p. 108). Está subjacente à visão de vários autores que a escolha dos procedimentos não é aleatória, ela ocorre de forma sistemática, racional (Chauí, 1994) e está relacionada ao método científico e à capacidade cognitiva do sujeito, isto é, à autonomia no processo de construção do conhecimento. Igualmente, a adoção de um método varia em função do objeto da ciência (Galliano, 1986), pelo que



há métodos que se aplicam com frequência e facilidade nas ciências naturais e outros nas ciências sociais e humanas.

Para operacionalizar os principais métodos científicos é necessário compreender as bases epistemológicas nas quais se funda a relação sujeito/objeto no processo do conhecimento para, em seguida, determinar os recursos e procedimentos metodológicos ajustados ao paradigma ou método usado. Contudo, desde as primeiras explicações abstratas e racionais sobre a natureza com os filósofos pré-socráticos, o conhecimento sofreu diversas modificações ao longo da história para responder às necessidades e interesses do homem. É assim que se constitui uma tradição filosófica de inovação e renovação desde os tempos de Sócrates, Platão e Aristóteles até a modernidade.

Deve-se entender este processo de renovação científico-metodológico como normal, pois, tal como sustenta Kuhn (2009), as revoluções científicas resultam de crises na ciência normal, quando outros pensadores adotam novas perspectivas e paradigmas, podendo sofrer resistências. Porém, quando o novo paradigma ganha aceitação, a ciência normaliza-se. Foi o que aconteceu ao longo da constituição dos vários métodos científicos, inicialmente elaborados pelas ciências naturais e, posteriormente reformulados nas ciências sociais e humanas que atualmente apresentam paradigmas inovadores. Os manuais de metodologias de pesquisa costumam distinguir quatro métodos científicos clássicos.

O método dedutivo foi influenciado pela corrente filosófica conhecida como Racionalismo, elaborada por René Descartes, segundo a qual só se pode chegar ao conhecimento a partir da razão. Este método parte do conhecimento das leis e teorias gerais sobre o que já é conhecido para compreender os fatos particulares. O raciocínio dedutivo tem como objetivo justificar as premissas e parte do geral para o particular (Andrade, 2010), sendo bastante usado na matemática e em outras ciências naturais. Ora, o cartesianismo levou à fragmentação das ciências e o seu caráter apriorístico manifesto através de leis fixas e imutáveis levou à mecanização e manipulação do mundo, pressupondo verdades dogmáticas (Oliveira, 2016, Severino, 2016).

O método indutivo é baseado na observação e experimentação dos fenômenos particulares como condição para tirar conclusões, este método segue o caminho oposto do raciocínio dedutivo. Foi influenciado pelo empirismo de Francis Bacon e John Locke, para quem o conhecimento é baseado na experiência. Este método tem como objetivo estabelecer as causas dos fenômenos e, para tal, faz uma observação minuciosa entre



os fatos particulares, elabora hipóteses, detecta repetições de alguma regularidade em diversos casos particulares, estabelece relações e comparações entre as experiências particulares para chegar a conclusões e elaborar leis gerais que abarcam todos os casos possíveis (Severino, 2016).

O método hipotético-dedutivo opera uma síntese entre o pensamento lógico do racionalismo e a experimentação. Inspirado no positivismo lógico de Karl Popper, defende uma investigação baseada num problema real para o qual se elaboram hipóteses que devem ser testadas ou falseadas através da experimentação para se chegar às conclusões (Oliveira, 2016). Popper desenvolveu o critério da refutabilidade que permite justificar através de argumentos lógicos e racionais a preferência por determinada teoria, para além da sua verossimilhança (Pereira, 1998). Este método foi amplamente criticado por pretender associar as teorias à verdadeira constituição da natureza, para além de assumir que as hipóteses jamais poderiam ser consideradas verdadeiras, apesar de serem falseadas, o que contraria o espírito científico de contínuo aperfeiçoamento do conhecimento e aproximação da verdade (Marconi & Lakatos, 2015).

O método dialético foi inspirado no materialismo dialético de Hegel e Marx. Este método pressupõe a conexão universal dos objetos e fenômenos, pois supõe a inseparabilidade entre os opostos. O método trabalha com contradições internas que causam transformações qualitativas através dos princípios dialéticos: ação recíproca, unidade polar ou relações de interdependência entre os objetos e fenômenos; interpretação dos contrários, luta interna dos contrários; mudança dialética, negação da negação - tese, antítese e síntese; transformação das mudanças quantitativas em qualitativas (Severino, 2016; Marconi & Lakatos, 2015).

Estes são os métodos clássicos, constituindo o que Kuhn (2009) chamou de ciência normal. Entretanto, quando o foco das pesquisas se desvia da natureza e o ser humano passa a constituir objeto do conhecimento, rompe-se com os paradigmas clássicos e emergem novas posições epistemológicas e outras formas de fazer a ciência (Severino, 2016). Resultam deste esforço de renovação o método fenomenológico e a complexidade.

O método fenomenológico foi influenciado pelo existencialismo e pela fenomenologia de Husserl, este método valoriza a essência do ser e a compreensão do ser humano nas dimensões dos atos conscientes, inconscientes e espirituais (Bello, 2006). O método fenomenológico explora a visão do mundo do sujeito, exige do pesquisador habilidade



para interagir com o pesquisado e os resultados da pesquisa não são generalizáveis, muito menos predicáveis, dado que o real “não espera nossos juízos para anexar a si os fenômenos mais aberrantes, nem para rejeitar nossas imaginações mais verosímeis” (Merleau-Ponty, 1999, p.6) por isso a realidade só pode ser descrita, não construída muito menos constituída.

O método da complexidade inspira-se na teoria da complexidade desenvolvida por Edgar Morin, que visava uma reforma do pensamento e do sujeito para implementar uma política de civilização e humanidade. Este método pressupõe a não redução das ciências, a abertura das disciplinas para um diálogo interciências e propõe a substituição da fragmentação cartesiana por um método complexo que possibilita a interseção entre vários domínios de um mesmo fenômeno. Trata-se de uma perspectiva de abordagem interdisciplinar para se chegar ao conhecimento e orienta-se por princípios da abertura, complementaridade, biodegradabilidade e consciência de parcialidade das teorias e interpretações (Almeida, 2010). Por optar por uma abordagem interdisciplinar não se pode reduzir o método à simplicidade, pois há todo um rigor na interpretação que está associado ao cuidado e ponderação, flexibilidade, sensibilidade para compreender situações não-previsíveis e por vezes contraditórias.

Diferentemente dos métodos clássicos, a complexidade não se pauta por uma predição dos procedimentos metodológicos, pois subentende-se que “a complexidade não tem metodologia, mas pode ter seu método. O que chamamos de método é um memento, um lembrete” (Morin, 2005, p. 192). Deste modo, assume-se que o método não determina a escolha dos procedimentos de pesquisa, pois é o campo de pesquisa ou o fenômeno que irá orientar o pesquisador a escolher as estratégias para chegar ao conhecimento, sendo que essas estratégias serão flexíveis e poderão ser revistas em função da natureza complexa do fenômeno. Portanto, o pesquisador pode optar por uma diversidade de procedimentos metodológicos com vista a produzir o conhecimento científico e captar a natureza complexa da realidade que constitui o seu objeto de estudo.

No caso do turismo, por se tratar de uma área interdisciplinar, “o estabelecimento do método do turismo depende do conteúdo a ser pesquisado, pois, se o turista for abordado de forma individual, a psicologia se mostrará necessária para abordar o objeto” (Panosso Netto, 2011, p. 79), entretanto, existem as dimensões econômica, política, psicológica, social e cultural que demandam abordagens metodológicas e perspectivas epistemológicas diversas. Por isso, a escolha do método científico levará



em consideração o capital científico do pesquisador, o objeto a ser estudado, assim como a dimensão que se pretende analisar no fenômeno turístico.

Para além da habitual distinção na forma como se constrói o conhecimento científico entre as ciências naturais e ciências sociais e humanas, a abordagem da pesquisa pode ser qualitativa ou quantitativa. Segundo Severino (2016, p. 125), quando se trata de abordagem qualitativa ou quantitativa não se refere a uma metodologia em particular, mas sim um “conjunto de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas”.

A pesquisa científica pode ser classificada em função dos objetivos e procedimentos metodológicos. No que diz respeito aos objetivos, teorizadores como Oliveira (2016) e Severino (2016) apontam a pesquisa exploratória, descritiva, explicativa e experimental.

Relativamente aos procedimentos específicos para a coleta e análise de dados, também conhecidos como “conjunto de preceitos ou processos de que serve uma ciência ou arte” (Markoni & Lakatos, 2015, p. 49), não existe um consenso entre diversos autores de metodologias sobre a sua designação, sendo as mais comuns: técnicas (Severino, 2016; Markoni & Lakatos, 2015; Ruiz, 2009; Andrade, 2010), delineamento da pesquisa (Gil, 2010), metodologias (Severino, 2016), ferramentas de pesquisa (Veal, 2011), instrumentos de coleta de dados (Richardson, 2008). Entretanto, neste trabalho adotamos a designação procedimentos de pesquisa como a mais consensual e abrangente para se referir ao conjunto de técnicas e aos instrumentos usados na pesquisa.

No que diz respeito às técnicas para a coleta de dados, estas podem incluir pesquisa bibliográfica, documental, de campo, pesquisa-ação, etnográfica, estudo de caso, observação, entre outras. E no que se refere aos instrumentos de coleta pode se citar entrevistas, questionários, diário de campo e guia de observação.

A análise dos dados pode recorrer a diversas técnicas como a análise de conteúdo, hermenêutica (Veal, 2011), seleção, codificação, tabulação, gráficos, iconografia que podem ser feitas de forma manual ou através do uso de *softwares* que tem sido mais comum nas pesquisas, otimizando tempo e recursos dos pesquisadores e instituições.

Design metodológico

O diálogo com autores que estudam os procedimentos metodológicos (Gil, 2010; Markoni & Lakatos, 2015; Severino, 2016) permite pontuar que este artigo se caracteriza como descritivo e exploratório com uso de abordagem qualitativa, mesclando com o uso



da abordagem quantitativa. As pesquisas sobre redes de turismo são compreendidas, neste trabalho, a partir do método da complexidade, em sua base epistemológica, por entender que na atividade turística há relações, interações e retroalimentação que são simultaneamente antagônicas e complementares, mantendo um jogo dialógico (Morin, 2002).

Relativamente aos procedimentos, se utilizou da técnica de pesquisa bibliográfica que permitiu a construção do referencial teórico e a coleta dos artigos. Posteriormente, os artigos foram selecionados por meio da adaptação do processo metodológico ProKnow-C, desenvolvido por Ensslin et al (2010), que explicita as etapas da pesquisa estruturada em fases. Neste sentido, a palavra-chave definida para pesquisa foi “redes”, sendo pesquisada nos títulos dos artigos em português, inglês e espanhol, tanto no singular quanto no plural. Utilizou-se como fonte de pesquisa as revistas científicas classificadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes - no estrato de Administração, Ciências Contábeis e Turismo como A1, A2 e B1. A coleta de dados foi realizada durante o mês de agosto de 2018, utilizando como filtro as pesquisas realizadas nos últimos 10 anos e artigos com aplicação empírica.

A escolha de artigos publicados em periódicos altamente qualificados justifica-se pelo fato destes constituírem um dos principais meios de divulgação das pesquisas científicas e por comportar, entre vários aspectos, o objeto pesquisado, os métodos e as técnicas de pesquisa, os resultados e conclusões a que se chegou (Silva & Moura, 2000), o que possibilita uma compreensão generalizada sobre o tratamento que se dá às questões metodológicas nas pesquisas científicas em turismo.

Como etapa indicada pelo Pro-Know-C, foi realizada a identificação do alinhamento dos artigos pelo tema, considerando o título e leitura na íntegra, uma vez que interessa para esta pesquisa a análise de redes sociais na concepção do desenvolvimento local, excluindo, assim, as análises de redes que remetem às novas tecnologias.

A pesquisa privilegiou a abordagem qualitativa para operacionalizar a leitura e o processo de categorização temática, considerando os seguintes aspectos: método de pesquisa, tipo de pesquisa em função dos objetivos, abordagem, técnicas, instrumento de coleta e técnicas de análise. Deste modo, procedeu-se à análise dos dados com recurso à técnica de análise do conteúdo enquanto uma operação lógica que é útil para fazer inferências e criação de categorias de análise (Campos, 2004), usada neste trabalho para inferir sobre os métodos, tipos de pesquisa e técnicas de análise que nem sempre estavam explícitos na maioria dos artigos.



À medida que os pesquisadores trabalhavam com os dados, a realidade revelou ser necessária fazer uma abordagem quantitativa dos mesmos, recorrendo às categorias criadas no procedimento anterior para formar variáveis e fazer agrupamentos. A natureza dos dados possibilitou que os mesmos fossem tabulados e analisados por meio do software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) 22.0 para *Windows*. Assim, foram utilizadas as técnicas de análise estatística descritiva, por meio de uso de frequências, análise de correspondência e de correlação que estão descritas e discutidas neste trabalho.

Resultados e discussões

Bases de publicação, periodicidade e autores: Panorama da pesquisa

As pesquisas sobre redes de turismo, de acordo com o quadro 01, têm como principais bases de publicação a *Tourism Management*, representando 27% dos casos analisados, seguido da *Turismo em Análise* com 16,2%, o que representa um certo equilíbrio de publicação no tema tanto em revistas internacionais como as nacionais. Os índices médios de publicação (entre 5% a 8,1%) estão indexados tanto em revistas classificadas como nacionais (Brasileiras), como internacionais e em quantidade menos expressivas (2,7% cada) estão as demais revistas classificadas como internacionais.

Anexo 1: Quadro 1

A luz do quadro 01, também pode-se identificar a periodicidade de publicações, sendo o ano de 2011 (16,2%) como o mais representativo, seguida do ano de 2014 (13,5%). Os anos de 2009, 2016 e 2018 possuem uma mesma quantidade de publicação, sendo que cada um representa 10,8% dos casos. Os dados revelam que não há uma linearidade de publicação sobre o tema, em nível ascendente ou descendente, no entanto, em nível menos expressivos, identificou-se pelo menos uma publicação sobre o tema nos anos analisados.

Paralelamente à identificação dos anos de publicação, também identificou-se que não há predomínio de autores publicando sobre a temática. Deste modo, considerando a singularidade dos autores e não a publicação de forma conjunta aparece Felicity Kelliher filiada ao Instituto de Tecnologia de Waterford, Irlanda com 3 publicações na área e em segundo lugar Hilal Erkus-Ozturk filiada ao Departamento de Ciências Administrativas e Políticas, Universidade Akdeniz, Antalya, Turquia e ao Departamento de Planejamento Urbano e Regional, Universidade Técnica do Oriente Médio, Ancara, Turquia. Os demais autores possuem apenas uma publicação na área.



Principais abordagens metodológicas

O método de pesquisa é fundamental para orientar a visão que o pesquisador tem sobre a realidade investigada. Ao recorrer a um determinado método científico, o investigador opta por uma escolha epistemológica que pode condicionar o curso da pesquisa. Relativamente às pesquisas sobre redes de turismo, constatou-se que não tem sido comum os autores indicarem o método científico sob o qual se orientam. Isso foi visível na medida em que na maior parte dos artigos não está especificado o método científico, pois dos 37 artigos analisados, apenas 6 explicitaram o método científico, o que corresponde a 16%. Quanto aos restantes, os autores fizeram inferências sobre o método adotado após uma análise detalhada.

A não indicação do método não significa necessariamente uma ausência de cientificidade nas pesquisas, mas pode revelar fragilidades epistemológicas que são comuns às pesquisas em turismo, onde os modelos pré-elaborados são tomados como modelos acabados, pelo que se dispensa um olhar crítico sobre a realidade pesquisada ou a forma de fazer ciência.

Todavia, há alguns pesquisadores que se esforçam em delimitar o campo epistemológico no qual pretendem atuar.

Assim, os resultados das inferências combinados com os dados explícitos sobre os métodos científicos, revelam que as pesquisas sobre redes recorrem frequentemente aos seguintes métodos: dialética (2,7%), fenomenologia (5,4%), indução (8,1%), complexidade (16,2%), dedução (29,7%) e hipotético-dedutivo (37,8%).

Geralmente, o uso dos métodos dedutivo e hipotético-dedutivo deriva do modelo teórico, no qual os pesquisadores procuram aplicar um modelo de análise de redes numa determinada realidade ou testar hipóteses pré-estabelecidas pelo modelo, ao passo que o método da dialética resulta da compreensão da rede em dois pólos, através da contraposição e contradição das ideias, buscando um caminho entre as mesmas.

Ao assumir um método científico específico, os pesquisadores tentam orientar a sua pesquisa do ponto de vista epistemológico, porém observou-se em algumas pesquisas certa contradição entre o método indicado explicitamente e a forma como os dados são tratados. Por exemplo, em certa pesquisa aparecem indicados os métodos indutivo e dedutivo, ignorando os antagonismos epistemológicos que subjazem a esses dois métodos. Parece uma escolha aleatória do método, menos aprofundada, revelando uma fragilidade no domínio epistemológico. Entretanto, uma análise detalhada do respectivo artigo viria a revelar que o pesquisador recorre aos pressupostos do método hipotético-



dedutivo, tanto pela visão do pesquisador quanto pela técnica de análise de rede social adotada.

Relativamente aos tipos de pesquisas, depreende-se que a ocorrência de pesquisas exploratórias/descritivas (62%), seguidas das interpretativas/explicativas (27%), e uma frequência menor mescla as exploratórias, descritivas e interpretativas (11%). Estes dados podem resultar do fato de se tratar de um olhar novo para o turismo, enquanto campo de conhecimento (Tribe, 1999), razão pela qual proliferam mais pesquisas exploratórias/descritivas.

O mesmo se verifica no que diz respeito às técnicas de análise, onde foi observada uma preferência pela utilização de modelos teóricos e análises de conteúdo (67,6%), seguida por análises de redes sociais (13,5%), análises estatísticas como análise de correspondência, correlação, cluster, entre outras (10,8%) e análises mistas (8,1%), que inclui a associação dessas outras técnicas de análises. Entende-se que o tema redes de turismo é complexo por abordar diversos atores e realidades que irão influenciar um determinado contexto. Dessa forma, a utilização de somente uma determinada técnica de análise pode não ser suficiente.

Conforme constatado, observa-se que poucos trabalhos recorrem ao uso de *softwares*, com destaque para o Ucinet e o Netdraw (18,9%). Nenhum *software* de análise qualitativa foi utilizado, apesar de constituir a abordagem mais frequente nas pesquisas (64,9%), seguida em números menos expressivos de abordagem quantitativa (27%) e apenas três (3) trabalhos que correspondem a 8,1% realizam uma abordagem mista: qualitativa e quantitativa. Vale ressaltar que, as duas abordagens não são mutuamente excludentes, podem coexistir em uma pesquisa e, assim, possibilitar sua viabilização (Van der Zee & Vanneste, 2015; Scott, Cooper & Baggio, 2008; Rodríguez, 2015).

Ao proceder à análise dos instrumentos de coleta de dados, foi observado que a entrevista constitui o principal instrumento nas pesquisas (54,1%). As entrevistas proporcionam uma maior profundidade dos dados coletados, o que pode auxiliar em uma maior compreensão do contexto complexo em que as redes de turismo estão inseridas.

No entanto, requerem um tempo maior para serem realizadas e analisadas, o que pode prejudicar a participação de um maior número de atores da rede, tornando inviável determinadas pesquisas. Também foram usados questionários (18,9%), assim como a junção de questionário e entrevistas (13,5%) na mesma pesquisa. Interação e



aprendizagem (8,1%) foram apontados como instrumentos de coleta de pesquisa-ação. Alguns trabalhos (5,4%) não especificaram o instrumento de coleta utilizado.

As principais técnicas de coleta de dados utilizadas foram agrupadas, obtendo o seguinte resultado: estudo de caso e pesquisa documental (48,6%); seguidas de observação (direta, indireta e participante) e grupo focal (21,6%); *survey* (16,2%) e em menor quantidade pesquisa-ação (13,5%). Depreende-se que pelo fato da pesquisa-ação apresentar maior complexidade na sua coleta, inferência e análise, isso reflete na baixa expressividade da sua utilização.

Análise de correspondência e correlação múltipla

Para identificar padrões de associação entre as variáveis criadas durante a análise de conteúdo procedeu-se à análise de correspondência múltipla, que ampliaria a explicação das diferenças nas pesquisas sobre redes de turismo. Inicialmente, por meio da distribuição das dimensões, foi possível estabelecer duas dimensões aceitáveis a partir da análise dos valores do alfa de *Cronbach*, *Eigenvalues* e inércias, como se observa no quadro 02.

Dimensões	1	2	3	4	5	6
Alfa de Cronbach	,887	,801	,658	,494	,350	,324
Eigenvalues	4,168	3,190	2,296	1,735	1,429	1,284
Inércias	,595	,456	,328	,248	,204	,198

Quadro 02. *Eigenvalues* e inércias do total de dimensões
Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Os valores do alfa de *Cronbach* nas duas primeiras dimensões indicam alta confiabilidade, pelo que são aceitáveis para os objetivos da pesquisa.

Por sua vez, a inércia das duas primeiras dimensões permite adequadamente que as variáveis sejam distribuídas em um plano bidimensional. Assim sendo, pode se organizar as medidas de discriminação das dimensões, tendo como base as variáveis que foram criadas por meio da análise de conteúdo, a saber: método, tipo de pesquisa,

abordagem, técnica de pesquisa, instrumento de coleta, técnica de análise e uso de *software*, conforme figura 01.

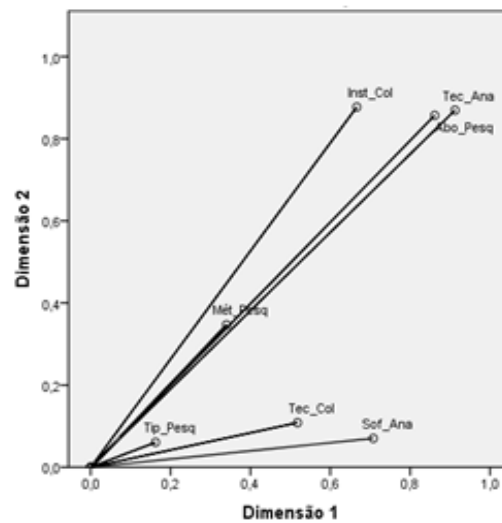


Figura 01. Medidas de discriminação
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A figura 01 revela que por estarem mais distantes do ponto de origem (0,0), as técnicas de análises e as abordagens de pesquisa são as mais representativas nas duas dimensões, seguida dos instrumentos de coleta. Ademais, são estas duas primeiras variáveis que também apresentam certo equilíbrio como principais opções metodológicas nas pesquisas em redes de turismo. Paralelamente, o tipo de pesquisa aparece como o menos representativo por estar mais próximo do ponto de origem. A normalização simétrica possibilitou estabelecer as coordenadas de categoria e fazer associações entre grupos, conforme o plano bidimensional, tendo resultado nos escores discriminados na figura 02.

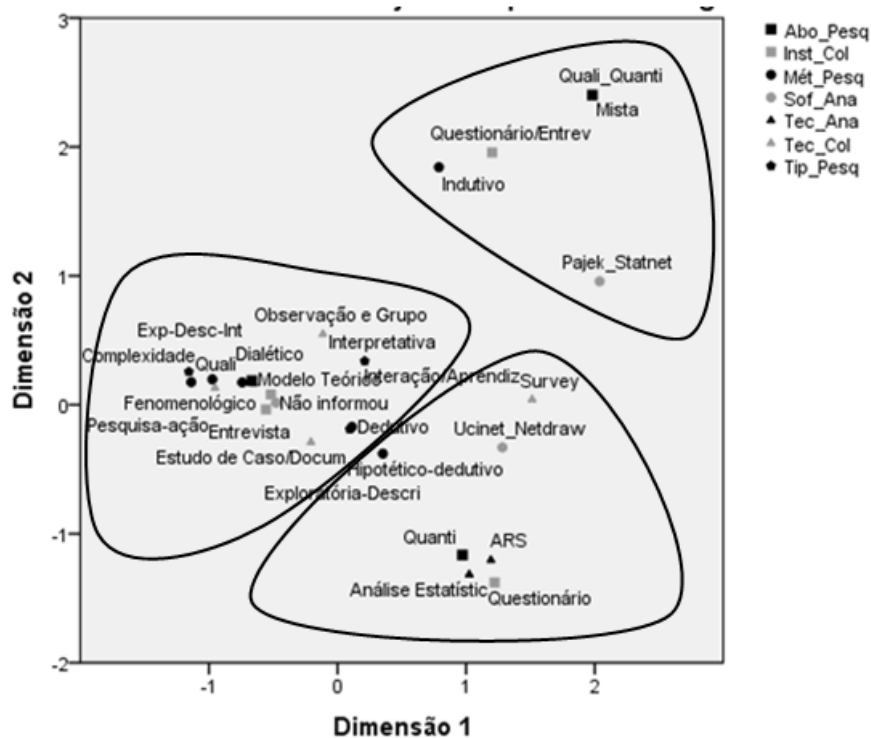


Figura 02. Coordenadas das categorias

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Com base na figura 02 pode se inferir que existem três agrupamentos devido às suas proximidades: (i) geralmente, quem adota o método indutivo, faz uma abordagem mista quali e quanti, recorre a instrumentos como questionário e entrevista, usa um software (*Pajek* ou *Statnet*); (ii) no segundo grupo associam-se os métodos da complexidade, fenomenológico, dialético e dedutivo, as pesquisas são do tipo exploratório-descritivo ou interpretativa, a abordagem é qualitativa, privilegia-se a entrevista e interação-aprendizagem como instrumentos de coleta de dados, as técnicas de pesquisa comuns são a observação, grupo focal, pesquisa documental, estudo de caso, pesquisa-ação e para a análise de dados recorre-se mais ao uso do modelo teórico; (iii) no último grupo identificado ocorre o método hipotético-dedutivo, a abordagem quantitativa, geralmente as pesquisas são do tipo exploratório-descritivo, usa-se o questionário e técnica de *survey* para a recolha de dados, para a análise recorre-se ao software (UCINET e Netdraw) e a ARS.

Entretanto, o coeficiente de correlação de Spearman (Quadro 3) demonstra que as correlações entre as variáveis não são significativas, sendo identificadas apenas 3 significativas. A abordagem de pesquisa possui forte correlação com o instrumento de coleta (0,722), ou seja, a utilização de uma determinada abordagem requer instrumentos de coleta específicos, como, por exemplo, pesquisas qualitativas utilizam-se de entrevistas, enquanto pesquisas quantitativas utilizam-se de questionários. Esta



correlação confirma a análise discriminante e sua relação de proximidade. A técnica de análise, por sua vez, possui forte correlação com o *software* utilizado (0,876), o que leva a afirmar que a utilização de determinados *softwares* é característica de certas técnicas de análise como UCINET e NETDRAW para a ARS. A técnica de análise também possui correlação moderada com a técnica de coleta (0,353).

Anexo 2: Quadro 3

Apesar de alguns autores de metodologia apontarem o método como determinante na escolha dos procedimentos (Severino, 2016; Markoni & Lakatos, 2015; Veal, 2011), a falta de significativa correlação entre o método de pesquisa e as outras variáveis demonstra que a escolha do método não influencia necessariamente nos procedimentos adotados durante a pesquisa. Percebe-se que as pesquisas buscam procedimentos mais adequados ao seu objeto para resolver o seu problema de pesquisa e, tal como sugerem os pressupostos epistemológicos que sustentam a complexidade “a pesquisa não está em busca de comprovações, mas de compreensões. Não segue um programa linear e previamente preparado; ao contrário, constrói seu caminho a caminhar” (Costa, Souza & Lucena, 2005, p. 734). Essa tendência pode justificar a sobrevalorização na escolha das técnicas de análises em contraposição ao método como opção de olhar do pesquisador que orientará suas pesquisas.

Considerações finais

Os resultados apresentados neste trabalho ressaltaram diversas questões acerca das abordagens metodológicas utilizadas nas pesquisas sobre redes de turismo. Uma delas se refere à importância ou não de se explicitar o método científico empregado nas pesquisas, tendo em vista que o método, de acordo com teóricos clássicos, irá orientar o percurso da pesquisa, porém na amostra trabalhada são poucos os autores que expõem de forma clara o método.

Algumas considerações emergiram dessa observação, como por exemplo, que a falta de aprofundamento epistemológico sobre o método científico por parte dos pesquisadores pode levar a não aplicação de um determinado método e por consequência a não exposição dele no trabalho; ou a compreensão de que a exposição do método pode não ser relevante, pelo fato deste estar implícito na metodologia. Para o aprofundamento destas considerações sugere-se a realização de outras pesquisas capazes de explorar as razões pelas quais o método não é claramente exposto nos artigos científicos e suas implicações epistemológicas nas pesquisas em turismo.



A adoção do método da complexidade permitiu aos pesquisadores estabelecer diversas inferências relativamente aos procedimentos metodológicos e perceber que não existe uma relação de pré-determinação entre o método científico e as estratégias de pesquisa. Portanto, contrariamente aos pressupostos avançados por diversos teorizadores, esta pesquisa revelou que o método não determina necessariamente os procedimentos metodológicos a serem adotados.

Apesar de existir certo equilíbrio na escolha das técnicas, abordagens e instrumentos de pesquisa como principais opções metodológicas, demonstradas pela análise discriminante e confirmada pela análise de correlação, as pesquisas sobre redes de turismo não apontam nenhuma tendência, tendo em vista que não há uma linearidade em suas abordagens metodológicas. Semelhante percepção foi identificada na quantidade de publicações e principais teóricos que publicam na área, o que pode indicar que as pesquisas sobre redes de turismo buscam procedimento metodológicos que estão adequados ao seu objeto de estudo e, portanto, o modelo teórico foi identificado como uma das principais análises utilizadas.

O estudo demonstrou também o pouco uso de técnicas de análises mais complexas como a ARS, assim como a utilização de softwares específicos para esse tipo de análise, o que pode acontecer devido ao tema redes ser relativamente novo nas pesquisas em turismo, não havendo ainda um avanço dentro desta temática. Por fim, os autores entendem que, independentemente do método científico a ser adotado, o uso da triangulação de diversas técnicas de recolha e análise de dados pode ajudar a captar a complexidade das redes de turismo.

Anexo 1

REVISTA	AUTOR	ANO
Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo	Teixeira, Andreassi & Bomfim	2018
Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo	Bock & Macke	2014
Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo	Souza Et Al.	2014
Caderno Virtual de Turismo	Nardelli, Vianna & Nitsche	2016
Caderno Virtual de Turismo	Fortunato & Garcez	2016



Caderno Virtual de Turismo	Calvente	2013
Turismo em análise	Fortunato & Neffa	2014
Turismo em análise	Barreto, Barquín & Jiménez	2014
Turismo em análise	Knupp & Mafra	2012
Turismo em análise	Giglio & Carvalho	2013
Turismo em análise	Ducci & Teixeira	2010
Turismo em análise	Rodrigues & Rodrigues	2009
Turismo Visão e Ação	Moraes, Irving & Mendonça	2018
Turismo Visão e Ação	Sampaio, Alves & Falk	2008
Turismo Visão e Ação	Czajkowski & Cunha	2010
Tourism and Management Studies	Burgos & Mertens	2016
Tourism Geographies	Farmaki	2015
Tourism Planning & Development	Kokkranikal & Morrison	2011
Tourism Planning & Development	Kelliher & Reinl	2011
Journal of Hospitality and Tourism Management	Jesus & Franco	2016
Tourism and Hospitality Research	Kelliher, Foley & Frampton	2009
Tourism and Hospitality Research	Birendra Et Al.	2017
Annals of Tourism Research	Kimbu & Ngoasong	2013
Annals of Tourism Research	Scott, Cooper & Baggio	2008
Estudios y Perspectivas en Turismo	Fratucci	2011
Cuadernos de Turismo	Diaz, Valdez & Velasco	2017
E-Review of Tourism Research	Costa & Galina	2015



Tourism Management	William & Hristov	2018
Tourism Management	Kelliher Et Al.	2018
Tourism Management	Lin & Simmons	2017
Tourism Management	Corte & Aria	2014
Tourism Management	Beritelli & Laesser	2011
Tourism Management	Arnoboldi & Spiller	2011
Tourism Management	Denicolai, Cioccarelli & Zucchella	2010
Tourism Management	Erkus-Ozturk & Eraydin	2010
Tourism Management	Erkus-Ozturk	2009
Tourism Management	Larson	2009

Quadro 01. Panorama da pesquisa em redes de turismo
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Anexo 2

Variável	Estat.	Mét_Pes	Tip_Pesq	Abo_Pesq	Tec_Col	Inst_Col	Tec_Ana	Sof_Ana
Mét_Pesq	r p-value	1,000						
Tip_Pesq	r p-value	,103 ,545	1,000					
Abo_Pesq	r p-value	,028 ,870	,259 ,121	1,000				
Tec_Col	r	-,092	-,105	,052	1,000			



	p-value	,588	,538	,760				
Inst_Col	R	-,317	,196	,722**	-,193	1,000		
	p-value	,063	,260	,000	,266			
Tec_Ana	R	-,267	-,056	-,303	-,353*	-,223	1,000	
	p-value	,110	,743	,068	,032	,199		
Sof_Ana	R	-,282	,045	-,226	-,055	-,195	,876**	1,000
	p-value	,091	,792	,178	,745	,261	,000	

Quadro 3. Matriz de correlação

**A correlação é significativa no nível 0,01

*A correlação é significativa no nível 0,05

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Referências

- Almeida, M. C. (2010). *A Complexidade, Saberes Científicos e Saberes da Tradição*. São Paulo, Livraria da Física.
- Andrade, M. M. (2010). *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico: elaboração de trabalhos na graduação*. 5 ed. São Paulo, Atlas.
- Arnaboldi, M.; Spiller, N. (2011). Actor-network theory and stakeholder collaboration: The case of Cultural Districts. *Tourism Management*, 32: 641-654. <https://bit.ly/3mVwew0>
- Barreto, R. F. S.; Barquín, R del, C. S.; Jiménez, G. C. (2014). Redes Ambientales de Políticas Públicas: enfoque alternativo para el turismo en el Parque Nacional Nevado de Toluca - México. *Turismo em Análise*, 25(2): 285-315. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v25i2p285-315>.
- Bello, A. A. (2006). *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo, Edusc.
- Beritelli, P.; Laesser, C. (2011). Power dimensions and influence reputation in tourist destinations: Empirical evidence from a network of actors and stakeholders. *Tourism Management*, 32: 1299-1309. <http://doi.org/10.1016/j.tourman.2010.12.010>.
- Birendra, K. C.; Morais, D. B. Peterson, M N.; Seekamp, Erin. Smith, J. W. (2017). Social network analysis of wildlife tourism microentrepreneurial network. *Tourism and Hospitality Research*, v. 0 (0):1–12. <http://dx.doi.org/10.1177/1467358417715679>.



- Bock, I. A. de A.; Macke, J. (2014). Social Capital and the Development of Collaborative Networks in the Tourism Sector: A Case Study on The Grupo Gestor do Turismo Rural do Rio Grande do Sul (Rural Tourism Steering Group) - RS, Brazil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 8 (1): 23-41. <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v8i1.563>.
- Burgos, A.; Mertens, F. (2016). As redes de colaboração no turismo de base comunitária: implicações para a gestão participativa. *Tourism & Management Studies*, 12(2): 18-27. <http://dx.doi.org/10.18089/tms.2016.12203>.
- Calvente, M. C. M. H. (2013). Turismo e território-rede: O problema da multiterritorialidade restrita das populações tradicionais. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, 13(1): 120-133.
- Campos, C. J. G. (2004). O método de análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo de saúde. *Rev. Bras. Enferm*, Brasília, 57 (5): 611-614.
- Chauí, M. (1994). *Introdução à História da Filosofia: dos Pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo, Brasiliense.
- Corte, V. D.; Aria, M. (2014). Why strategic networks often fail: Some empirical evidence from the area of Naples. *Tourism Management*, 45: 3-15. <https://bit.ly/30dFOkm>
- Costa, T.; Galina, S. (2015). Networks and social capital: multiple cases in rural tourism in Brazil. *e-Review of Tourism Research (eRTR)*, 12(5/6):241-262
- Costa, L. F. M.; Souza, E. G.; Lucena, I. C. R. (2015). *Complexidade e Pesquisa qualitativa: questões de método*. Perspectivas da Educação Matemática, UFMS, 8, 727-748.
- Czajkowski, A.; Cunha, S. K. (2010). Organização e Coordenação da Rede de Cooperação em Aglomerados de Turismo Rural. *Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica*, 12(1): 92–113.
- Denicolai, S.; Cioccarelli, G. Zucchella, A. (2010). Resource-based local development and networked core-competencies for tourism excellence. *Tourism Management*, 31:260–266. <http://doi.org/10.1016/j.tourman.2009.03.002>.
- Díaz, J. G.; Valdez, J. C. T.; Velasco, A. E. M. (2017). El Cluster Turístico de un Destino Cultural en México: su Ciclo de Vida y la Red de Actores. *Cuadernos de Turismo*, 39:265-285. <http://dx.doi.org/10.6018/turismo.39.290531>.
- Ducci, N. P. C.; Teixeira, R. M. (2010). Articulação de Redes Sociais por Empreendedores na Formação do Capital Social: um estudo de caso de uma empresa do setor de turismo do interior do Paraná. *Turismo em Análise*, 21(1): 165-189.



- Ensslin, L.; Ensslin, S. R.; Lacerda, R. T. O.; Tasca, J. E. (2010). "ProKnow-C, Knowledge Development Process-Constructivist". Processo técnico com patente de registro pendente junto ao INPI. Brasil.
- Erkus-Öztürk, H. (2009). The role of cluster types and firm size in designing the level of network relations: The experience of the Antalya tourism region. *Tourism Management*, 30:589–597. <http://doi.org/10.1016/j.tourman.2008.10.008>.
- Erkus-Öztürk, H.; Eraydin, A. (2010). Environmental governance for sustainable tourism development: Collaborative networks and organisation building in the Antalya tourism region. *Tourism Management*, 31: 113–124. <http://doi.org/10.1016/j.tourman.2009.01.002>.
- Farmaki, A. (2015). Regional network governance and sustainable tourism, *Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment*, 17(3):385-407. <http://dx.doi.org/10.1080/14616688.2015.1036915>.
- Ferrari, A. T. (1982). *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil.
- Fortunato, R. A.; Neffa, E. (2014). Abordagem Complexa e Desenvolvimento Local por meio do TurismoSolidário: o caso da rede "Brasilidade Solidária". *Turismo em Análise*, 25(1): 51-74. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v25i1p51-74>.
- Fortunato, R. A.; Garcez, M. L. (2016). As dinâmicas das redes no campo do turismo: uma aposta na diversidade. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, 16(3): 191-202.
- Fratucci, A. C. (2011). Proceso de formación de una red regional. Región turística de las Agulhas Negras RJ - Brasil. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 20(6): 1483-1496.
- Galliano, A. G. (1986). O Método Científico. São Paulo, Harbra.
- Giglio, E. M.; Carvalho, M. F. (2013). As Transformações das Redes de Negócios de Turismo na Perspectiva da Teoria Social: o caso da Vila de Paranapiacaba - SP. *Turismo em Análise*, 24(2): 249-277.
- Gil, A. C. (2010). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6 ed. São Paulo, Atlas.
- Jesus, C.; Franco, M. (2016). Cooperation networks in tourism: A study of hotels and rural tourism establishments in an inland region of Portugal. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 29: 165-175. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jhtm.2016.07.005>.
- Kelliher, F.; Foley, A.; Frampton, A.-M. (2009). Facilitating small firm learning networks in the Irish tourism sector. *Tourism and Hospitality Research*. 9(1): 80–95. <https://bit.ly/2HBuSXc>
- Kelliher, F.; Reinl, L. (2011). From Facilitated to Independent Tourism Learning Networks: Connecting the Dots. *Tourism Planning & Development*, 8(2):185-197.



<http://dx.doi.org/10.1080/21568316.2011.573919>.

Kelliher, F.; Reinl, L.; Johnson, T. G. Joppe, M. (2018). The role of trust in building rural tourism micro firm network engagement: A multi-case study. *Tourism Management*, 68:1-12. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2018.02.014>.

Kokkranikal, J.; Morrison, A. (2011). Community Networks and Sustainable Livelihoods in Tourism: The Role of Entrepreneurial Innovation. *Tourism Planning & Development*, 8(2): 137–156.

Kimbu, A. N.; Ngoasong, M. Z. (2013). Centralised Decentralisation of Tourism Development: A Network Perspective. *Annals of Tourism Research*, 40:235–259.

<http://dx.doi.org/10.1016/j.annals.2012.09.005>.

Knupp, M. E. C. G.; Mafra, F. L. N. (2012). Redes do Turismo: uma análise da política de turismo do Estado de Minas Gerais - Brasil. *Turismo em Análise*, 23(3): 663-690.

Kuhn, T. (2009). *Estrutura das Revoluções Científicas*. 9 ed. São Paulo, Perspectiva.

Larousse (1995). Nova Cultural, 17 (10).

Larson, M. (2009). Joint event production in the jungle, the park, and the garden: Metaphors of event networks. *Tourism Management*, 30: 393–399.

<http://doi.org/10.1016/j.tourman.2008.08.003>.

Lin, D.; Simmons, D. (2017). Structured inter-network collaboration: Public participation in tourism planning in Southern China. *Tourism Management*, 63:315-328. <http://dx.doi.org/10.1016/j.tourman.2017.06.024>.

Marleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. 2 ed. São Paulo, Martins Fontes.

Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. (2015). *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, análise e interpretação de dados*. 7 ed. São Paulo, Atlas.

Moraes, E. de A.; Irving, M. de A.; Mendonça, T. C. M. (2018). Turismo de base comunitária na América Latina: uma estratégia em rede. *Revista Turismo Visão e Ação*, 20(2): 249-265.

Morin, E. (2002). *O Método* 4. 3 eds. Porto Alegre, Sulina.

Morin, E. (2005). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre, Sulina.

Nardelli, M. A.; Vianna, T. E.; Nitsche, L. B. (2016). Integração comunitária: Red Tusoco como um modelo de gestão participativa na organização do turismo local. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, 16(2): 111-125.

Oliveira, M. M. (2016). *Como fazer pesquisa qualitativa*: 7 ed. Petrópolis, Vozes.



- Panosso Netto, A. (2011). *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. 2 eds. rev., e amp. São Paulo, Aleph.
- Panosso Netto, A.; Nechar, M. (2014). Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. 8(1): 120-144.
- Pereira, B. (1998). As limitações do método científico: implicações para a educação física. *Revista Paulista de Educação Física*, 12 (2): 228-248.
- Ruiz, J. A. (2009). *Metodologia Científica*. 6 ed. São Paulo, Atlas.
- Richardson, R. J. (2008). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3 ed. São Paulo, Atlas.
- Rodrigues, A.; Rodrigues, A. (2009). Turismo e Inovação em Espaços Rurais: estudo de caso da rede europeia de turismo de aldeia. *Turismo em Análise*, 20 (1): 35-47.
- Rodríguez, R. M. (2015). Research agenda for tourism using quantitative social network analysis (QSNA). *Cuadernos de turismo*, 36: 477-480.
- Sampaio, C. A. C.; Alves, F. K.; Falk, V. C. V. (2008). Arranjo Socioprodutivo de Base Comunitária: Interconectando o turismo comunitário com redes de comércio justo. *Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica*, 10 (02): 244 – 262.
- Severino, A. J. (2016). *Metodologia do Trabalho Científico*. 24 ed. São Paulo, Cortez.
- Silva, A. M.; Moura, E. M. (2000). *Metodologia do Trabalho Científico*. Fortaleza, IVA.
- Scott, J. (2002). *Social Networks: Critical concepts in Sociology*. Vol. 1. London and New York: Routledge
- Scott, N.; Cooper, C.; Baggio, R. (2008a). *Network Analysis and Tourism: from theory to practice*. Channel Views Publication
- Scott, N.; Cooper, C.; Baggio, R. (2008b). Destination Networks: Four Australian Cases. *Annals of Tourism Research*, 35 (1): 169–188. <https://bit.ly/3mZJUpG>
- Souza; P. A. R. de; Farina, M. C.; Costa, C. de O.; Silva, A. S. da; Romeiro, M. do C. (2014). The Social Relations in Bed and Breakfast industry in Parintins Amazon: a perspective based on social network analysis. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 8 (1): 145-160. <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v8i1.621>.
- Teixeira, R. M.; Andreassi, T; Bomfim, L. C. S. (2018). Uso das redes sociais empreendedoras por mulheres no processo de criação de agências de viagens. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 12 (1): 102-132. <https://bit.ly/3kXclO1>
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24 (3): 638-657.
- Tribe, J. (2010). Tribes, territories and networks in the tourism academy. *Annals of Tourism Research*, 37 (1): 7-33.



Van der Zee, E.; Vanneste, D. (2015). Tourism networks unravelled; a review of the literature on networks in tourism management studies. *Tourism Management Perspectives*, 15: 46-56.

Veal, A. J. (2011). *Metodologia de pesquisa em lazer e turismo*. São Paulo, Aleph.

Williams, N. L.; Hristov, D. (2018). An examination of DMO network identity using Exponential Random Graph Models. *Tourism Management*, 68:177-186.

<https://doi.org/10.1016/j.tourman.2018.03.014>.